

## Cinema no INES: Um desafio conjunto

Adriana Fresquet

CINEAD/Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual  
Faculdade de Educação/UFRJ

Coordenadora Rede KINO: Rede Latino-Americana de Educação,  
Cinema e Audiovisual

Quando encontramos a inscrição do Instituto Nacional de Educação de Surdos entre as inscrições das escolas públicas que desejavam criar escolas de cinema no Rio em dezembro de 2011, sentimos uma emoção e um desafio que logo virou pergunta. Como fazer? A resposta, que ainda buscamos, só poderá ser efetivamente construída, ou melhor, inventada no diálogo com os verdadeiros atores do projeto: professores e estudantes do INES. Qual não seria a surpresa ao descobrir que na instituição já existia um projeto em andamento de longa data coordenado pela professora Maria Lucia Cunha, que com todo cuidado e dedicação vinha desenvolvendo experiências audiovisuais com seus alunos de literatura e agora contava com a possibilidade de dedicação mais específica para esta atividade. A professora Maria Lucia, além de participar intensamente no curso de aperfeiçoamento intensivo em janeiro e que ainda está em andamento, decidiu se incorporar como ouvinte na disciplina Cinema e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ, enriquecendo as reflexões e debates ao trazer suas próprias experiências. Um dia ela chegou com algumas fotografias e pequenas filmagens, as quais vou aproveitar para organizar minha reflexão para este texto. A metodologia consiste em escolher 5 fotografias e propor ao leitor uma leitura conjunta, isto é, um exercício de observação e imaginação para descrever até os mínimos detalhes do que aparece na imagem, mas, ao mesmo tempo, fazer o esforço por imaginar tudo o que está detrás, fora do foco ou tudo o que aconteceu antes para essa fotografia estar aí assim, e tudo o que eventualmente veio a acontecer a partir desse instante. Correremos um risco juntos, o de errar, o de fantasiar para além dos fatos, mas acredito que nesse risco aconteça uma tentativa de invenção de si e do mundo, ao arriscamos a olhar para a realidade imaginando-a de outros modos, sonhando-a de outros modos até arrastá-la para outros modos de ser e torná-la de novo, de fato, real.

Afinal, existia uma empatia inicial nessa história: o cinema nasceu mudo.



### Fotografia 1: um (re)começo

Este cartaz diz Cinema: escolha, disposição e ataque, traz uma claquete que nos deixa ler

Escola Aberta. INES 05/05/2012. ESCOLA DE CINEMA. Lemos com algo de dificuldade “Uma história em um minuto” dado o reflexo do flash flagrado na própria fotografia. Parece um anúncio, um aviso à comunidade escolar, quase um convite...

A primeira questão a colocar aqui diz respeito aos gestos cinematográficos ou gestos mentais: à “escolha”, “disposição” e “ataque”, da autoria de Alain Bergala. Trata-se de um cineasta e professor francês, responsável pela gestão de levar o cinema nas escolas públicas da França no governo do ministro Jack Lang (2000-2005), que hoje nos prestigia como consultor de nosso projeto de criação de escolas de cinema em escolas de Ensino Fundamental da Rede Pública do Rio de Janeiro. Para ele, fazer cinema supõe esses três gestos tanto na pré-produção, como na produção e na pós-produção. Isso quer dizer que antes de propriamente filmar, é necessário fazer escolhas: o que será filmado, onde, quando, quanto tempo, desde que ponto(s) de vista, com ou sem atores, se com atores, se profissionais, ou amadores, locação ou estúdio, entre tantas outras questões. Uma vez feitas essas escolhas, é necessário “dispor”, isto é, colocá-las em relação: que cenário, com que personagens, em que ordem, em que disposição relacionar todos os elementos; até que por fim vem o “ataque”, isto é, quando o projeto fica definido do modo que o autor deseja que seja filmado. Esses três gestos também acontecem na própria produção, quando é necessário tomar novas decisões, em função das situações que se apresentam concretamente no espaço e no tempo da filmagem, organizá-las (dispor) e efetivamente filmá-las (ataque). Uma vez filmado, é necessário montar essas imagens e para isso ver e rever tudo o filmado visando escolher os melhores planos e colocá-los em relação novamente, pode não ser necessariamente na ordem em que foram filmados e sim inventando outro tempo e outro espaço ao editar, decidindo a mixagem de sons, música, para efetivamente “atacar” o projeto como ficará finalmente. *O cinema é o definitivo por acaso*, como afirma Jean Luc Godard.

## Fotografia 2: A cabine



Esta imagem, algo torta, mostra o cartaz que descrevemos colado numa espécie de cabine instalada numa quadra de esportes, na escola. Trechos de película a enfeitam com fotografias dos próprios estudantes, simulando fotogramas. Uma cortina, à esquerda parece se entreabrir um pouco no extremo inferior esquerdo, como convidando-nos a passar.

Acho que Maria Lucia além de dedicada e criativa foi lucidamente sedutora na hora de escolher como chamar a atenção para esse momento de (re)começo da escola de cinema no INES. Ela escondeu o que queria mostrar. Se tivesse chamado a todos para uma sessão de cinema dos primórdios provavelmente contaria com o interesse de algum grupo, porém colocando a projeção dentro da cabine, os estudantes e professores correram para ver e aguardaram sua vez, já que só cabiam 10 pessoas dentro. Bergala sugeriu para as escolas de cinema trabalhar com a categoria “ocultar-revelar”, que parece tão familiar ao cinema e tão estranha à educação. Na educação tudo se mostra, explícita e eu diria até pornograficamente. No cinema não, habitualmente conseguimos desvendar a existência de alguns personagens, o fio da trama, o mistério de um filme depois de algum tempo de iniciado o filme. Isso mantém a atenção, mas também o interesse ativo, vivo, e a cognição emocionada, afetada, envolvida. Estarmos escondidos traz memórias da infância, aquela alegria toda apertada no peito, a respiração contida... Trazer uma experiência de esconder e revelar na escola restaura algo do mistério de aprender, revitaliza um pouco do desejo de conhecer e descobrir o mundo. Eu me pergunto o que significa criar uma escola de cinema numa escola de Ensino Fundamental senão um cantinho oculto onde ver e fazer arte? Imaginemos esse lugar antes dessa cabine ocupar o pátio coberto. Houve uma transformação desse espaço, uma marcação do tempo que era possível estar dentro para assistir a projeção. Como será que ficou esse lugar depois de desmontado? Com certeza ninguém olhou para esse lugar do mesmo jeito. Mesmo ausente, a cabine ficou presa à imagem (in)visível desse (re)começo do cinema na escola.

### Fotografia 3: Dentro da cabine

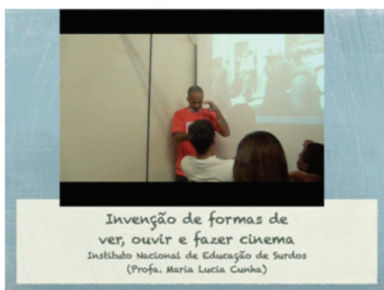


Olhos fixos, penetrados em algo, atenção, encantamento revelado pelo gesto da boca da estudante que está no centro da fotografia, que nos deixa ver apenas seis dos dez espectadores. O que eles vêem? O que será que eles imaginam ao assistir a projeção? Em que medida o corpo todo aprende quando mergulhamos no cinema?

Nesta fotografia podemos apreciar, sobretudo, gestos de ver. A disposição que traduz a linguagem corporal quando estamos atentos a algo, quando estamos “atrapado” ou simplesmente interessados por aquilo que vê. Podemos afirmar que seis jovens estão vendo algo que mantém a curiosidade em alerta. Curiosamente nenhum deles pisca no momento da fotografia, mesmo tendo usado flash. Os garotos parecem interessados, já as moças, particularmente a que aparece na frente expressa agrado, cumplicidade, afetação traduzido não apenas pelo sorriso,

mas também pela quebra de rigidez na posição flexionada para a esquerda do seu corpo, do mesmo modo que o rapaz do fundo a esquerda. Esta observação aparentemente trivial nos faz pensar no corpo e na importância integrá-lo na apropriação do conhecimento e na experiência de aprendizagem. Ver é também imaginar. Para Alain Bergala a *pedagogia da criação* consiste em assistir os filmes imaginando como eles foram feitos. Isto é, como se olhássemos para um quadro e nos imaginássemos o lenço em branco. Assistir um filme abandonando-nos docilmente a ingenuidade da impressão de ilusão uma experiência legítima. Assistilo novamente imaginando as escolhas do diretor(a) é uma outra experiência, bem intensa e criativa. Fazer de conta que nós somos esse diretor(a) e re-inventar esse filme, mudando a altura da câmera, ou aproximando-a para revelar um detalhe no rosto da atriz principal em lugar do plano aberto sugerido pelo autor, mudar a paleta de cores ou a duração ou ritmo dos planos, o ponto de vista ou o ponto de escuta, nos “autoriza” de alguma maneira, a nos apropriar do filme criativamente, a fazê-lo um pouco nosso e a ensaiar gestos de cinema, para quando chegar a hora da passagem ao ato, isto é, de nós mesmos “fazer, poder diversificar uma série de opções para filmar algo, pensar sempre levando em conta os 360° de possibilidade de capturar um objeto, uma fala, um sentimento ou uma cor...

#### Fotografia 4: Projetando Lumière e Méliès



Esta imagem foi tomada de um pequeno vídeo que registrou a projeção de algumas das vistas dos irmãos Louis e Auguste Lumière e dos filmes de Georges Méliès, nos deixa ver o professor e intérprete ao lado da projeção da *A saída dos operários da fábrica* (Paris, Louis Lumière, 1895) e a três dos estudantes na cabine.

Esta imagem nos revela o que estava oculto na fotografia anterior: o que estavam assistindo aqueles jovens. Mas traz algo mais: a necessidade de inventar novos sinais em Libras (Língua Brasileira de Sinais) para Lumière, Méliès e para o cinematógrafo. Este simples gesto nos revela a potência do encontro do cinema com a educação, como dispositivo de invenção de novos sinais, de novos modos de comunicar e de afetar nossa relação com o mundo e com nós mesmos. Neste caso, por projetar filmes dos primórdios do cinema numa escola de educação de surdos se tornou necessário criar novos sinais e eu me pergunto quantos sinais serão criados a partir da experiência do cinema na escola para chegar àqueles sentidos que estão como se fossem surdos, mas que ninguém percebe? Isto é,

nós sabemos que alguém não nos escuta e não nos vê, pela evidência da falta desse sentido, mas não temos ideia de alguém que não sente, não se estremece, não vibra, nem arrepia com a vida, com a dor. Esses outros sentidos muito mais silenciados que o ouvido humano, anestesiados pela banalização da violência e por que não pela hegemonia do consumo nós poderemos acordar? Fazer “ouvir”? Que sinais devemos criar para nos emocionar a cada criança que encontramos num sinal de trânsito ou a cada mendigo que cotidianamente encontramos dormindo na rua? Como nos sensibilizar novamente para desnaturalizar as imposições do produtivismo acadêmico que obcecado com os resultados e estatísticas esqueceu que nas escolas é preciso fazer experiências de aprendizagem e não treinamentos cognitivos para competir no mercado da vida. Quando as escolas poderão repensar suas práticas e reinventar outros modos de ensinar e aprender mais próximos ao limite da própria ignorância, que membrana entre o desejo e o conhecimento permeie aquilo que efetivamente vale a pena?

### **Fotografia 5: Fazer arte**



Nesta fotografia, os alunos estão registrando algumas imagens, com inspiração em George Méliès, fantasiando-se, tornando-se algo que não são, para se permitir ensaiar um sorriso, uma brincadeira, algo, por alguns segundos, que os transporte a um lugar outro, imaginário, onde poder ser de outro modo.

Fazer arte é transgredir. Na escola, fazer arte quiçá tenha essa fundamental contribuição para a educação. Supera em muito o que estudantes e professores possam vir a conhecer estritamente em relação a história da arte, a vida dos artistas, suas obras e técnicas. Quiçá o mais rico da experiência de cinema seja criar condições favoráveis para uma efetiva invenção de si e do mundo. Talvez, uma experiência de cinema na escola seja hoje uma forma de autorizar, ao menos por alguns minutos a ser um outro, a “fazer de conta” que podemos ser de outra forma, ter outro nome, outra identidade, outra cor de cabelo, outra função, outro futuro. Essa possibilidade nos remete sempre a checar o aqui e agora e conferir o grau de (in)satisfação que temos com nós mesmos, com nossas vidas, e por que não, quais as chances de mudar, devir algo que não sabemos muito bem o que é, mas que podemos sim inventá-lo, escolhê-lo e trabalhar por isso. Por alguns instantes, todos sabem que somos “outro”. Ao mesmo tempo, nós descobrimos que todos podem ser de outros modos, que tudo pode mudar e vir a ser diferente,

e que cabe a nós parte dessa construção. Este tipo de vivências ativa o desejo de nos conhecer melhor e desvendar a opacidade e a transparência da realidade que habitamos assim como o desejo do que queremos ser, mola propulsora de toda atitude de busca e encontro com o mundo, com o outro e com nós mesmos.

Perguntamo-nos, então, quanto a escola pode ser palco desta experiência de re-invenção de si e do mundo, quanto ela pode ser, por um lado um espaço privilegiado para a preservação da memória, inclusive de nós mesmos (como mostram as fotografias dos alunos nos fotogramas) e, por outro, ativar processos de mudança e criação?

### **ALGUMAS REFLEXÕES, NOVAS PERGUNTAS.**

Para finalizar, desejo voltar ao começo, no título *Cinema no INES: um desafio conjunto*, afirmando novamente que a criação da escola de cinema é apenas um pequeno desvio do rumo que já vinha sendo trilhado, cujas pegadas a professora Maria Lucia começou e outras colegas vêm acompanhando e acrescentando aos poucos, novos caminhos naquela estrada. Acredito que a incompletude que caracteriza a condição humana seja o principal fundamento destes encontros e projetos que só podem ser realizados quando muitos braços se articulam projetando e criando coletivamente. Desconhecer com profundidade os modos de ensinar a estudantes surdos, as formas como eles aprendem, porém me coloca numa vantagem que é própria da ignorância: tentar, tatear, ir devagar. Uma dose de insegurança às vezes torna prudente e suave o agir em relação ao outro. Assim, me aproximo deste grupo de estudantes como pessoas que tem nítida consciência dos seus limites, pelo menos auditivos. Já no meu caso, e imagino na maioria de nós, desconhecemos esta informação, acreditamos que por ouvir, somos capazes de ouvir tudo, e o pior, que o que não escutamos nunca foi dito. Assim, passamos pelo mundo, mais surdos que aqueles que não ouvem convencidos de que percebemos qualquer informação sonora, ficamos assim, sem escutar sequer as inflexões da voz, os gestos, sutis gemidos. Escutamos apenas as palavras, mas não temos capacidade para escutar o silêncio o não dito. O limite do estudante surdo pode ser um sinalizador de nossos próprios limites de percepção, alertando-nos para reconhecer apenas uma diferença de intensidade do que nos é possível ouvir, ver, pensar, sentir. Esta experiência nos coloca no desafio de nos tornarmos pessoas mais sensíveis para escutar o silêncio das palavras, o brilho do olhar, a força comunicativa da postura, dos gestos do corpo, de uma carícia. Coloca-nos em contato com os desejos da infância, inclusive a nossa.

Rio de Janeiro, 11 de agosto 2012